

FESTAS RAVES: ENTRE O CAMPO E A CIDADE

VAGNER BARRETO RODRIGUES¹; CLAUDIA TURRA-MAGNI²; MARIO DE SOUZA MAIA³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – vagnerbarreto1991@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – maiamario25@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar o andamento das pesquisas iniciadas em 2011, no Bacharelado em Comunicação Social, na Universidade de Caxias do Sul (UCS) (RODRIGUES, 2012), e evidenciar as pesquisas realizadas junto ao mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, no Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), iniciado no ano de 2016. O foco do estudo são as festas *raves*, entendidas como festas de longa duração, com média de 16 horas, que podem chegar a uma semana, realizadas em locais afastados dos centros urbanos, como sítios, praias ou bosques, com predominância de música eletrônica, como *trance* ou *techno*, e utilização de psicoativos sintéticos, como *ecstasy* e LSD. A pesquisa busca revisitar as notas de campo relativas às pesquisas realizadas desde 2011 na Serra gaúcha e acrescentar reflexões sobre as festas *raves* que ocorrem na cidade de Pelotas e seus arredores.

Destaca-se que as festas *raves* representam um momento extracotidiano e antiestrutural na vida daqueles que participam delas. Essas festas marcam um afastamento simbólico do cotidiano ordinário, do local de trabalho, da rotina – e dos papéis sociais associados a ela – e transporta os participantes para outro espaço, normalmente em jornadas que duram horas até locais afastados e de difícil acesso. Porém, ao refletir sobre algumas anotações nos cadernos de campo e leituras de autores e autoras sobre o tema, algo passou a me incomodar: nas festas *raves* os participantes fazem questão de ressaltar o afastamento da vida urbana que é proporcionado por esse tipo de festas. Isso se dá às margens, nas bordas, onde os diálogos são possíveis, já que as conversas nas *raves* são marginais. Assim, os dados de campo tornam possível afirmar que nas festas *raves* se produz um discurso sobre o campo e sobre a cidade, mais ou menos coeso e compartilhado pelos participantes. Geralmente, se costuma elogiar as belezas da natureza, o modo de vida simples, a visão do céu estrelado que são proporcionadas pelo contato com o campo. Porém, esse afastamento do modo de vida urbano não se mostra apenas por meio de discursos, mas, também, de ações, gestos e performances desempenhados pelos participantes no ambiente festivo. Como aponta TURNER (1992a, p. 9, tradução minha),

A comunicação, por meio dos símbolos, não se limita às palavras. Cada cultura, e cada pessoa dentro dela, usa todo o repertório sensorial para transmitir mensagens: gestos manuais, expressões faciais, posturas corporais, respiração rápida, pesada, ou leve, lágrimas [...].

Dialeticamente, nessas festas também se produz um discurso sobre a cidade, geralmente ressaltando os aspectos negativos, como a poluição, o ritmo acelerado de vida, o excesso de trabalho, a solidão.

Esse tipo de montagem, carregada de conflitos, conforme aponta DAWSEY (2005a, 2005b, 2009), chama atenção uma vez que as festas *raves* são uma possibilidade gerada exatamente pelo modo de vida urbano, com todas as potencialidades tecnológicas no que diz respeito à música eletrônica, ao consumo

de psicoativos sintéticos, às cores fluorescentes, à cibercultura e à tecnologia industrial. Além disso, as festas *raves* interagem com elementos agenciados pela globalização. Muitas vezes, os participantes se definem enquanto uma “tribo global”, ou *global tribe*, e cabe aqui ressaltar o inglês como o idioma “oficial” recorrente na comunicação entre os participantes de países distintos, bem como para diversos termos êmicos utilizados nessas festas, e evidenciam o contexto de globalização da sociedade que a produz (ABREU, 2011). Portanto, quais ruídos e tensões estão sendo deixados de lado nessa construção? O que está ficando de fora?

TURNER (1992b) lança seu olhar para as interrupções da vida cotidiana, os dramas sociais, os rituais, as revoluções, as performances, momentos em que as sociedades brincam com o perigo e subvertem a ordem social. Para Turner, nos momentos destoantes e nos ruídos também é possível encontrar elementos reveladores sobre a vida social. Para DAWSEY (2005b, p.165), nesse desvio,

Fenômenos suprimidos vêm à superfície. Elementos residuais da história articulam-se ao presente. Abrem-se possibilidades de comunicação com estratos inferiores, mais fundos e amplos da vida social. Estruturas decompõem-se – às vezes, com efeitos lúdicos. O riso faz estremecer as duras superfícies da vida social. Fragmentos distantes uns dos outros entram em relações inesperadas e reveladoras, como montagens.

Nas festas *raves*, jovens subvertem as ordens das coisas e brincam com papéis sociais. Estranhamentos sobre a vida cotidiana são gerados por meio de performances que se dão, às vezes, em gestos simples, mas carregados de potência, como dormir na grama, andar de pés descalços, abraçar um desconhecido, ou tomar banho nu em uma cachoeira. Logo, atento para não cair em dualismos simplistas, a pesquisa busca entender os discursos e performances gerados nas festas *raves* sobre o campo e sobre a cidade e a importância destes para a criação de sentido daquilo que é a experiência *rave*.

2. METODOLOGIA

Esse estudo utiliza como base a etnografia e a observação participante (WHYTE, 2005) em festas *raves*. Isso tem sido feito por meio de ida às festas e conversas com os participantes nos locais dos eventos, mas, também, em outros locais, visto que as festas não proporcionam a estrutura ideal para a realização de entrevistas, sendo o local propício para observações diretas e para conversas na busca de empreender aquilo que GEERTZ (2008, p. 5, grifos do autor) chama de “descrição densa”. Para o antropólogo, uma boa etnografia é aquela que consegue distinguir entre um piscar de olhos e uma piscadela, quando

Contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, é piscar. É tudo que há a respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura – *voilà!* – um gesto.

Para compreender essas festas a pesquisa é orientada pelos estudos de Antropologia da Performance e de Etnomusicologia, evidenciando suas potencialidades e limitações, atento, especialmente, para as imagens geradas por essas festas e os símbolos que são produzidos pelos participantes no ambiente festivo.

Conforme SEEGER (2008) a Etnomusicologia, ou Antropologia da Música, deve levar em conta a junção (1) da performance, (2) da música e (3) dos seres humanos. Essa abordagem busca entender as relações da música inserida em contextos específicos. Para o autor, uma Etnomusicologia deve se voltar para aquilo que acontece quando pessoas fazem música; para as relações entre as

músicas e outros contextos; para as ligações entre a música e outras formas expressivas nesses coletivos.

Já a Antropologia da Performance é colocada aqui como uma parte da Antropologia da Experiência, onde a experiência é tida como o conhecimento adquirido e a performance é uma expressão dessa experiência, no sentido desenvolvido por Turner (1992b). Segundo a perspectiva apresentada pelo autor, quando os papéis sociais são suspensos surgem novas possibilidades no extraordinário. Nas brincadeiras que as sociedades fazem a respeito de si, elementos suprimidos e, muitas vezes, não resolvidos, se revelam.

Considero que esses elementos não resolvidos da cultura tenham uma possibilidade investigativa extremamente importante. Focar nesses momentos festivos, sensibilizado pela Antropologia da Performance e pela Etnomusicologia, pode contribuir para os estudos antropológicos e para a produção de conhecimento em Antropologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, ainda em sua fase inicial, tem apontado para a confirmação dessa perspectiva dialética criada pelos participantes nas festas *raves* entre o campo e a cidade. De certa forma, a crítica realizada, a partir do local de fala das festas, evidencia aquilo que WILLIAMS (1975) chama de “estruturas de sentimentos” (*structure of felling*), por meio dos quais, historicamente, sociedades associam certos valores contrastantes entre o campo e a cidade. Mesmo que com variações, essas construções de longa duração são suficientes para ecoar nos discursos dos participantes das festas *raves*. Assim, essas festas apresentam um potencial grande de análise por criarem planos justapostos, com ruídos e tensões, que, penso, devam ser mais bem analisados. O trabalho de campo possibilita evidenciar as diversas facetas que podem conviver no interior das festas *raves* sem, necessariamente, serem excludentes umas das outras, mas friccionadas.

Na análise de ABREU (2011, p. 36),

A festa tem o poder de atribuir mágica ao mundo, socializar o prazer e a dor dispersos pelo cotidiano, re-unir pedaços, penetrar temporariamente no reino utópico da universalidade e da abundância. Presente em toda história da humanidade, a festa constitui um espaço social carregado de energias e tensões, momento quando a vida torna-se mais intensa. Regras ordinárias são esquecidas, tabus violados, papéis invertidos, suspensos, (re)criados. Multiplicam-se perspectivas.

Nas festas, as sociedade se olham a partir de suas margens. E se estranham. No inverno de 2013, no período que ocorre o feriado de Corpus Christi, centenas de jovens de todo o país, mas também alguns estrangeiros, se deslocaram para o interior de Caxias do Sul-RS, no Distrito de Criúva. Nessa localidade foi realizado, durante alguns anos, o *Origens Festival*, festa *rave* que costuma ter quatro dias de duração. Não bastasse o frio costumeiro do inverno gaúcho, acentuado na Serra, houve também chuva durante todos os dias do evento. Isso não pareceu intimidar os participantes que dançaram ao som da música eletrônica no meio do barro formado pela junção da *rave* com a água. Cenas com jovens, literalmente, cobertos de barro dos pés à cabeça foram comuns. Como já foi dito anteriormente, as festas *raves* interrompem o fluxo do cotidiano, produzem utopias, criam experiências, geram imagens. No meio do campo, jovens dançam cobertos pelo barro. Por meio de ações simbólicas se criam universos de sentido. Entender alguns desses sentidos é a intenção dessa pesquisa. Nas festas também se produz conhecimento.

4. CONCLUSÕES

As festas *raves*, mesmo já tendo sido objeto de estudo antropológico, ainda possuem possibilidades de interpretações, com abordagens que possam lançar olhares sobre seu processo e sua organização, não no sentido de acabamento e/ou esgotamento do tema, mas, ao contrário, no inacabamento, no devir e no fazer desses eventos. Nesse sentido, conforme DAWSEY (2008, p. 534),

Em momentos de interrupção de papéis, ou de antiestrutura, sociedades produzem efeitos de estranhamento em relação a si mesmas. Elas brincam com o perigo. Sob o signo da subjuntividade, fricciona-se a experiência do real explorando suas dimensões de ficção. Abrem-se fendas em superfícies endurecidas. Manifestam-se elementos não resolvidos. Ctônicos. Vulcânicos. No espelho mágico dos rituais, sociedades se recriam, transformando elementos do caos em universos sociais e simbólicos.

Assim, a tentativa tem sido de buscar e de fazer ecoar a polifonia dos sujeitos que compõe esse universo, não apenas de forma quantitativa, mas no sentido de diversidade de vozes. A realização de festas *raves* envolve DJ's, VJ's, músicos, artesãos, artistas visuais, grafiteiros, fotógrafos, *chefs* de cozinha, *designers*, decoradores, massagistas, e, obviamente, os participantes (RODRIGUES, 2012). Entender esses locais de fala e os discursos produzidos por esses atores pode auxiliar e contribuir na compreensão do problema de pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, C. C. **Experiência rave**: entre o espetáculo e o ritual. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.
- DAWSEY, J. C. O teatro dos boias-frias: repensando a antropologia da performance. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 15-34, 2005a.
- DAWSEY, J. C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005b.
- DAWSEY, J. C. Sismologia da performance: ritual, drama e *play* na teoria antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 527-570, 2008.
- DAWSEY, J. C. A casa de Joana Dark: drama e montagem. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 91-120, 2012.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2008.
- RODRIGUES, V. B. **Festa de sítio na colônia**: uma cartografia da divulgação alternativa de *raves* na Serra gaúcha. 2012. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Centro de Ciências da Comunicação, Universidade de Caxias do Sul.
- SEEGER, A. Etnografia da música. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 237-259, 2008.
- TURNER, V. **From ritual to the theatre**. New York: PAJ Publication, 1992a.
- TURNER, V. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1992b.
- WILLIAMS, R. **The country and the city**. New York: Oxford University Press, 1975.
- WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.